

*(Entram Nei Requião, José Porfírio e Policiais. Brás das Flores vê, sai correndo e cantando.)*

Até logo, seu.

Sabe, me esqueci  
que tenho outro encontro  
com o Zebedeu.

*(Roque não reparou, continua resmungando, triste "se correr o bicho pega, etc." José Porfírio aponta Roque. Os Policiais o prendem. Arrastam-no, Roque sai resmungando. Nei Requião vai saindo. Pára. Volta e diz ao público.)*

### NEI REQUIÃO

Com a prisão dêsse ingrato  
termina o segundo ato!

---

## Terceiro Ato

*Abre. Roque vestido de prêso, na cadeia, olha o piblico desconsolado. Muitas marmitas na cela. De fora, vem um vozerio. Entra o carcereiro.*

#### CARCEREIRO

Bom-dia, sou o carcereiro.  
É evidente, um frustrado,  
com a alma em formigueiro,  
um cético, um desolado.  
Eis que então me vingo nêles.  
Como disse Marx, sou  
vítima da sociedade.  
Claro, dialéticamente,  
sou seu carrasco também.  
Logo: inocente e culpado.  
Sou, enfim, um alienado.

*(Fala com Roque.)*

Olha aí, ô, celerado,  
t'ai fora uma visita.  
Você não é importante  
e só está prêso há um mês.  
É uma proteção gritante.

*(Faz sinal. Brás entra, todo de branco, anéis nos dedos. Roque olha sem reconhecer.)*

ROQUE

O senhor é o advogado?  
Olhe, eu não sou culpado.

BRÁS DAS FLORES

Equivocou-se. Olhe bem.  
Olhe de frente e de lado.

ROQUE

E' o Brás das Fiôres, toque!

BRÁS DAS FLORES

Eu, Roque dos meus amôres!

*(Abraçam-se.)*

ROQUE

Eu não te reconheci.  
Como você está mudado!

BRÁS DAS FLORES

É, progredi, progredi.  
nesta grande capital,  
aqui, vim, vi e venci.  
Trago muitas novidades:  
só falam de você, Roque,  
nesta e nas outras cidades.  
Oíça. Está ouvindo, não?  
É gente que veio pedir  
por sua libertação.

*(Ao público.)*

Evidentemente esta  
cena de massa se passa  
antes da revolução.

*(Pega um jornal. Lê.)*

126

“Roque: prisão preventiva?  
Juiz dirá sim ou não”.

*(Outro jornal.)*

Olhe aqui, seu, é você:

*(Lê.)*

“Tem uma cara de lambão  
mas prega a subversão”.  
Todos dizem: quem ficar  
do lado de Roque ganha  
mole, mole essa eleição.  
Seu caso abalou o povo  
família, clero, nação.  
Tem aí um candidato,  
um tal de Jesus Glicério,  
só fala em ti nos comícios.  
Mas é melhor eu lhe dar  
o panorama geral  
da campanha eleitoral.  
O primeiro colocado  
é o Senador Furtado.  
E em segundo lugar,  
concorrente muito sério,  
avança o Jesus Glicério,  
candidato popular.  
Lá muito atrás, no rabão,  
com pinta de derrotado  
vem o doutor Requião.  
E dizem que anda mal  
assim e que vai perder  
porque mandou te prender.

ROQUE

Quer dizer que eu sou o tal?

BRÁS DAS FLORES

O Glicério enquanto isso  
sobe sua cotação  
porque pede nos comícios

127

a tua libertação.  
Acusam êle de ter  
muita idéia ruim.  
Quer tomar terra dos outros.  
Segundo disseram a mim,  
se fôr eleito, ninguém  
vai poder ter nem jardim!  
Nossa sorte é que Jesus  
sendo candidato pobre  
não tem prestigio nem cobre  
pra te tirar da prisão.

#### ROQUE

Mas por que tanta emoção?

#### BRÁS DAS FLORES

Tanta emoção? Ora essa...  
Nós ficamos na conversa...  
e esqueci de te dizer:  
sou escritor, é a glória!  
Ganhei dinheiro a granel  
porque contei sua história  
num livrinho de cordel.

(*Mostra o livro.*)

“As aventuras de Roque  
Penaforte de Murgel”  
Bem escritinho, capinha  
em côres e bom papel.  
Logo virou *best-sel*.

Mas se você é inocente  
a venda cai de repente,  
lá se vai o pé-de-meia.  
Mas se você conseguir  
uns dois anos de cadeia  
a venda assim vai subir.  
Mais de dois é sacanagem.  
Claro está que ainda teríamos  
de ver sua percentagem...  
(*Roque louco da vida.*)

#### ROQUE

Não me chamo Penaforte...  
(*Avança para Brás.*)

#### BRÁS DAS FLORES

É minha a idéia do nome.

(*Vai recuando.*)

Uma licença poética...  
Não... não é falta de ética...  
Afinal, eu faço tudo.  
Escrevo, vendo, anuncio.  
Você fica no macio.

(*Foge.*)

Eu lhe ofereço um negócio  
e em troca sou agredido!  
Ah, como todo escritor  
sou um incompreendido!

(*Sai. Roque fulo. Entra a carcereira, põe uma marmita  
junto com as outras. Se atira em Roque, beija-o.*)

#### ROQUE

Esta é a quinta vez  
que você me traz o almôço.  
Seu marido desconfia  
e me arma um alvôrôço.

(*Carcereira chora.*)

#### CARCEREIRA

Acho que vão te soltar.  
Acho que vão te soltar.



ROQUE

Ninguém quer me ver lá fora!  
Não, não, que é isso? Não chora.

CARCEREIRA

Ah, não vem me consolar...

ROQUE

Calma, escuta por favor:  
Quem me prendeu foi Requião.  
É esse tal Senador  
é ligado ao Honorato  
que me toma pelo cão.

CARCEREIRA

Mas ele vem hoje aqui.

(*Vozerio, fora, aumenta.*)

ROQUE

Não pode ser, coração.

VOZ DO CORONEL

Mas vamos, abram caminho  
para o Senador passar!  
O Senador quer passar!

(*Carcereira dá um tapa em Roque.*)

CARCEREIRA

Viu? Chegou o Senador.  
Nunca mais falo contigo.  
Não passas de um traidor.

(*Carcereira cruza com o marido e um bando de fotógrafos querendo entrar. Carcereiro abre caminho para o Senador, Coronel e Furtado.*)

VOZES

Não dá, é muito apertado.  
Preciso fotografar.  
Chega um pouco pra este lado.  
Vê se pára de empurrar.

(*Coronel vai direto a Roque. Abraça-o. Senador e Furtado apreciam a cena.*)

SENADOR

(*Muito emocionado. Dirige-se aos jornalistas.*)

Meus amigos, um momento.  
Respeitemos esta cena.  
Silêncio e veneração.  
Naquele abraço se exprime  
o profundo sentimento  
da longa separação.

(*Esconde-se dos jornalistas. Tira um lenço para chorar.*)

Não tirem fotografia.  
Não tirem fotografia.  
Meu filho, vai e promete  
ao carcereiro um lugar  
numa prisão federal.  
Aos jornalistas, emprêgo  
no Diário Oficial  
e sai um pouco da frente  
ou não saio no jornal.

(*Roque fala com o público, comentando o abraço que o Coronel ainda não parou de dar.*)

ROQUE

Meu Deus, mais um pouco e ele  
já me pede em casamento.

CORONEL

Eu vou falar, um momento...

*(Nei Requião entra. Rumor dos jornalistas.)*

NEI REQUIÃO

Não quero fotografias nem falar com jornalista pois é absolutamente particular a entrevista.

*(Vai a Roque. Leva-o a um canto. Coronel bufa. Senador e Furtado um pouco atônitos.)*

Roque, meu querido, estava no mato, no interior, fazendo minha campanha quando li com estupor aparvalhado, surpreso, notícia de que você faz quase um mês está preso.

*(Canta carinhoso para Roque e dança com êle.)*

Eu não vou largar você como alguns que assim fizeram. Não, não será enxotado.

*(Coronel pega Roque, dança com êle.)*

CORONEL

Por mim não pode ter sido pois Roque é meu afilhado. Estão vendo esse marmanjo? Pois fez pipi no meu colo.

NEI REQUIÃO

Ah, Deus, Deus meu, me perdoe mas vou discutir o assunto.

132

*(Canta.)*

Ajudei-o a ser feliz e no meu próprio banheiro urinou quanto quis. Roque é como meu irmão.

CORONEL

Roque foi como o filho que não tive. Ensinei-lhe a fazer boi-dé-melão, brinquei com êle de bicho-papão.

NEI REQUIÃO

Dei-lhe alma e envergadura. Ensinei-lhe economia, mostrei-lhe que a vida é dura, mostrei-lhe como se vive.

CORONEL

Roque foi como o filho que não tive.

NEI REQUIÃO

Roque é como meu irmão.

ROQUE

*(Ao público.)*

Papai e o mano discutem: uma briga em família.

*(A luz se apaga. Abre. Uma suite de hotel com dois quartos. Roque deitado na cama. Brás no telefone.)*

BRÁS DAS FLÓRES

É da copa do Hotel?

Aqui fala o "assessôres" do vosso hóspede Roque

133

Penaforte de Murgel:  
o escritor Brás das Flores.

#### ROQUE

Não me chamo Penaforte.

*(Brás das Flores pega o cardápio e faz os seus pedidos, lendo tudo praticamente.)*

Olha aí, ô, serviçal:  
quero dois chás com torradas  
beiju de milho e de arroz,  
pamonha, batata assada,  
ovos quentes, quero dois  
e omelete.

Ouviu bem, há, ô lacaio?  
Quero queijo-de-são-bento  
cará com mel e laranja  
caranguejo suculento  
mangas de cheiro, uma canja  
e espaguete.

Tá escutando, ô, plebeu?  
Por que não chá sem torradas?  
Acqua Velve, Sana Caspa,  
minutas, massas, entradas  
e dois croquetes.

Obrigado, sim, ô baitola?  
Suite quatorze. Exato.

*(Desliga.)*

#### ROQUE

Mas quem é que paga isso?

#### BRÁS DAS FLÓRES

Um quarto é o Requião  
e o outro, o Honorato.

134

#### ROQUE

Um me fez pagar o pato,  
agora me paga um quarto.  
E o doutor Requião?  
Mandou me prender apenas,  
agora vem de mecenas,  
de Ciccilo Matarazzo.  
Aqui! Não me pegam noutra.  
Não vôo mais vôo raso.

#### BRÁS DAS FLÓRES

Só porque Jesus Glicério  
subiu, êles te soltaram.  
E o livrinho ia tão bem...

#### ROQUE

Não chore, sou seu amigo.  
Você fica aqui também...

#### BRÁS DAS FLÓRES

Não é pelo numerário  
que perco: O que me entristece  
é o sucesso literário  
que já pressinto, esmaece.

*(Campainha. Brás vai ver.)*

#### ROQUE

Será? Deve ser Mocinha.  
Não, mas que besteira a minha.  
Numa peça que se preze  
a heroína não entra  
em cena só porque faz  
tempo que não aparece.

*(Mocinha aparece.)*

135



BRÁS DAS FLORES

Bem, às vezes acontece.

(*Abraçam-se. Brás num canto.*)

MOCINHA

Roque Penaforte.

Penaforte de Murgel.

(*Brás olha Roque com desprezo e sai.*)

Estou tão feliz, amor.

Se o Senador fôr eleito,

eu vou ser a espôsa do

filho do Governador.

É quase a primeira dama.

Poderei ter quem quiser

dormindo na minha cama.

Não vai ser ótimo, Roque?

(*Toca a campainha. Mocinha desmaia. Brás vai atender.*)

ROQUE

Meu bem, não é nada, acorde,

é o café da manhã...

MOCINHA

Quê...? Hein...? Que foi? Café? Há...

Que susto levei, ai.

(*Riem. Brás volta.*)

BRÁS DAS FLORES

Quem está aí é o seu pai.

(*Mocinha desmaia de novo. Roque, aflito, começa a arrastá-la.*)

ROQUE

Ai, ai, vem, se esconde aqui...

MOCINHA

Não, tenho de sair já.

Marquei hora com meu noivo.

Vai me comprar tafetá.

(*Fica escondida. Roque aflito. Brás saiu, volta com o Coronel. Coronel abraça Roque, beija sua testa, olha-o.*)

CORONEL

Ah, meu filho, emagreceu.

(*Puxa o olho de Roque. Espia.*)

Hum, que vermelhinho ralo...

Mas não se preocupe, não.

Vou tratar de alimentá-lo.

Está gostando do quarto?

ROQUE

Muito. O mais bonito é o céu

ao pôr-do-sol. Ele arde

todo! Veja, Coronel...

(*Leva o Coronel à janela. Faz sinais para que Mocinha saia. Mocinha sai.*)

CORONEL

Mas pôr-do-sol é de tarde...

ROQUE

Aqui, às dez da manhã

êle já está lá no céu...

(*Campainha. Brás entra. Fala no ouvido de Roque. Roque fala baixo com Brás.*)



BRÁS DAS FLORES

Está aí o seu marido.

ZULMIRINHA

Ah, é um estraga-prazer.  
Vou dizer-lhe umas verdades.  
Não, é melhor me esconder  
e preservar a unidade  
salvando assim a família.

*(Esconde-se Está só de espartilho, Nei Requião entra.  
No outro quarto, aparece Brás das Flores, que começa  
a falar com o Coronel. Nei abraça Roque. Olha-o.)*

NEI REQUIÃO

Ah, meu querido, engordou!

*(Vê o olho de Roque.)*

Hum, mas que vermelho vivo.  
Claro, logo melhorou  
com o passado do hotel  
Está gostando do quarto?

ROQUE

Muito. E o que mais gostei  
foi da pesca do xaréu.  
Venha aqui ver, Doutor Nei.

*(Vão à janela. Faz sinais e Zulmirinha sai como está.)*

NEI REQUIÃO

Como pesca do xaréu?  
Na cidade não tem mar...

ROQUE

Ah, é? Nunca reparei...  
*(Consigo mesmo.)*

Eu recebo no outro quarto.

*(Ao Coronel.)*

Olha, vou limpar os dentes.  
Licença, seu Honorato?

*(Roque vai para o outro quarto. Brás sai. Coronel fica  
sôzinho, meio fúlo.)*

*Mon Dieu de la France,  
va commencer la contredanse.*

*(Brás aparece conduzindo Zulmirinha. Brás sai. Zul-  
mirinha começa a se despir. Coronel, no outro quarto,  
espera.)*

ZULMIRINHA

Ah, foi ótimo o seu nome  
ter saído nos jornais.

Eu localizei você  
e até que enfim não preciso  
mais chamá-lo de rapaz.  
Compreende, Penaforte?  
Sempre detestei dormir  
com gente desconhecida.  
E' situação falaz  
e pouco amadurecida.  
Tire a roupa, Penaforte,  
já estou quase despida.  
Você ter de sair correndo  
que estou oferecendo  
o Chá da Mãe Esquecida.

*(Campainha.)*

Não ligue, não. É o café  
da manhã que foi pedido.

*(Brás entra.)*

Ah, meu Deus, o Coronel!  
Olhe, vou limpar os dentes,  
licença, doutor Quião.

*(Sai. Nei louco da vida. No outro quarto Brás das Flores cochicha com o Coronel.)*

BRÁS DAS FLORES

E o senhor pode mandar  
prender o Roque outra vez.  
Um ano, então só um mês...

*(Roque dá um pontapé em Brás. Brás sai. Depois de um tempo, aparece no quarto de Nei. Também cochicha com ele.)*

ROQUE

Prontinho, meu Coronel.  
Estou bonito de fato?

CORONEL

Bem, eu vim aqui porque,  
você sabe, o Senador  
é um grande candidato...  
Vai construir mais açudes,  
estradas, irrigação,  
enfim, essas atitudes!

ROQUE

Ai, meu Deus, o Requião!

CORONEL

É um homem experimentado,  
tem grande coração.

*(Coronel anda, fala empolgado. Roque, pé ante pé, sem o Coronel perceber, vai para o outro quarto. Coronel continua fazendo mímica de quem fala. No outro quarto, Brás das Flores fala com Requião.)*

BRÁS DAS FLORES

E o senhor pode mandar  
prender o Roque outra vez.  
Um ano, então só um mês...

*(Roque dá outro safanão em Brás, que sai. Roque corre de volta para o outro quarto. Chega no momento em que o Coronel está se voltando.)*

CORONEL

Ah, o Senador Furtado  
tem uma cara idiota  
mas é de caso pensado.

ROQUE

Apoiado, apoiado.

CORONEL

Ora, muito obrigado.

*(Roque sorri. Volta para o quarto onde está Requião. Coronel, do outro lado, continua gesticulando.)*

ROQUE

Pronto, doutor Requião.  
Já estou limpinho e lambão.

NEI REQUIÃO

Bem, eu vim aqui porque  
sabe, é que eu sou candidato  
e tenho uma plataforma  
que é popular de verdade.

ROQUE

É claro, claro, de fato.

*(Corre para o outro quarto. Nei Requião fala e continua gesticulando.)*

NEI REQUIÃO

Dinamismo e probidade...

MOCINHA

Não, não se promete o céu  
mas se acaba com o inferno.

ROQUE

Não vai haver mais inferno?  
Excelente, Coronel.

CORONEL

O meu obrigado eterno;  
o Senador vem da roça...

(*Roque corre para Requião.*)

NEI REQUIÃO

Vou governar o Estado.  
Não vou fazer um assalto.

ROQUE

O senhor foi assaltado?  
Lamento muito, lamento.

(*Nei Requião estranha um pouco. No outro quarto o  
Coronel fala.*)

CORONEL

Trata igual o rico e o pobre,  
o camponês e o jumento.

NEI REQUIÃO

Modestia à parte, meu Roque,  
Sou eu o seu candidato.  
Roque, vou instituir  
“desemprego controlado”.

Querem construir açudes,  
dinheiro mal empregado.

(*Roque, cada vez mais aflito. Corre para o quarto do Coronel. Naquele minuto, o Coronel está fazendo uma pergunta que Roque consegue responder em cima da hora.*)

CORONEL

Entendeu, Roque?

ROQUE

Entendi.

(*Volta voando para Nei Requião.*)

NEI REQUIÃO

Nossa mão-de-obra, Roque,  
tem de ser a mais barata.

ROQUE

É evidente. É batata.

(*Corre para o Coronel.*)

CORONEL

O Senador é conhecido.  
Já entrou para a história.

ROQUE

Não duvido. Não duvido.

(*Volta a Requião.*)

NEI REQUIÃO

Eu, perdão, sou conhecido.  
Já entrei para a história.

ROQUE

Não duvido. Não duvido.



*(Volta para o Coronel. Para Requião. E observa que os dois, agora, falam as mesmas coisas.)*

OS DOIS JUNTOS

Só não fez (fiz) parte da glória daqueles bravos Dezoito do Forte Copacabana porque o trem desgraçado atrasou uma semana.

ROQUE

Não diga, que trem sacana.

*(Roque fica na porta que comunica os dois quartos, respondendo aos dois ao mesmo tempo.)*

OS DOIS JUNTOS

Na Revolução de Trinta tomou (tomei) parte dos dois lados.

ROQUE

Viu? Valeu por dois soldados.

*(Os dois agora vêm para êle. Passam de um quarto para o outro com Roque no meio da porta, servindo de biombo. Os dois não se vêem.)*

OS DOIS JUNTOS

Foi (fui) o único a assinar o Manifesto dos Mineiros e que não era mineiro.

ROQUE

*(Ao Coronel.)*

Sim, mas era brasileiro.

*(A Requião.)*

Sim, mas era brasileiro.

OS DOIS JUNTOS

Mas sabe o que eu quero, Roque?

Não. ROQUE

*(Roque põe uma cadeira na porta. Responde para os dois. Sorri para o público da sua invenção. A partir daqui, os três cantam.)*

OS DOIS

Eu quero que você entre na minha campanha. Preciso de gente assim, gente que nunca barganha.

ROQUE

Ah, quem te viu, quem te vê.

OS DOIS

Então, vamos pra campanha?

ROQUE

Vamos!

OS DOIS

Isso, o Nei Requião

*(A Honorato.)*

vai ver a sova que apanha.

ROQUE

Ah, vou lhe tirar a banha.



OS DOIS

Isso, sim, meu rapagão.

(*Roque pára de cantar de estalo.*)

ROQUE

De início quero um milhão.

(*Longa pausa.*)

OS DOIS

Deu em nada a cantação.

(*Pausa. Tiram o livro de cheque.*)

ROQUE

(*Apontando Brás que voltou e viu o final da Cena.*)

Pra nós dois emprêgo público,

uma casa e um furgão.

Também quero entrar no Exército

no pósto de capitão.

Também desejo um diploma

de médico e boticão.

(*Os dois olham Roque fuzilando.*)

OS DOIS

Mas de todo o coração.

Bem, amanhã, duas horas,

esteja lá na Assembléia.

Vamos fazer um comício

no bairro da Galléia.

(*Entregam os cheques. Sorriso amarelo. Um não viu o outro. Saindo, cada um por um quarto, ainda falam juntos.*)

Por um triz, mudo de idéia.

(*Brás das Flores se pendura em Roque.*)

BRÁS DAS FLORES

Ah, meu David protetor,

meu grande rei Salomão,

não vou ser mais escritor,

não quero mais glória, não.

Serei só seu servidór.

(*Campainha.*)

ROQUE

Ainda não terminou?

(*Zulmirinha entra. Com a roupa de baixo. Pega suas coisas enquanto fala.*)

ZULMIRINHA

Veja, saí distraída!

Só fui reparar em mim

no chá da Mãe Esquecida.

Carlota me perguntou:

por que vieste despida?

(*Veste-se. Campainha.*)

ROQUE

Meu Deus, quem será dessa

vez? O café da manhã

não pode ser porque a peça

é de baixa produção.

É tamanha a confusão

que não vou estranhar nada

se entrar por esta porta

o próprio Napoleão.

(*Soa um hino francês. Napoleão entra.*)

NAPOLEÃO

Favor, podia informar onde fica Waterloo? Perguntei na portaria me indicaram o *water-cloze*. Eu pergunto Waterloo. *Ce n'est pas la même chose.*

*(Zulmirinha sai. Dá com Napoleão.)*

ZULMIRINHA

Céus, mas por que tanta pose?

*(Luz. Abre. Sala da Assembléia. Num lado — Coronel, Senador e Furtado; no outro — Nei Requião. Os quatro se olham, estranhando. Olham no relógio ao mesmo tempo. Vêem que estão olhando no relógio. Estranham. Nei e Coronel vão ao mesmo tempo até a janela. Olham-se, invocados. Um tempo. Olham o relógio de novo. Cada um diz para si mesmo.)*

OS DOIS

Roque disse que estaria aqui, às duas em ponto.

*(Pausa enorme. Repetem, um olhando para o outro, pausadamente.)*

Roque disse que estaria aqui, às duas em ponto.

*(Tempo.)*

NEI REQUIÃO

Hã, são estes os seus meios... Tentam comprar o rapaz. Mas vou derrotá-los feio. Essa política suja é de cem anos atrás!

CORONEL

Eu não entendi... espera... Quem quis comprar foi você! Ele era meu filho! Era! Ele vem aqui porque acredita muito em mim!

NEI REQUIÃO

Ah, vem aqui é porque acredita só em mim.

CORONEL

Em mim.

NEI REQUIÃO

Em mim.

*(Coronel começa a cantar.)*

CORONEL

Mim. em mim.

OS DOIS

*(Duetto.)*

Em mim, ó, em mim, em mim.

*(Ruído de passeata se aproxima.)*

Em mim, ó, em mim, em mim.

*(Todos vão à janela.)*

SENADOR

Que é isso?

FURTADO

É a passeata  
do tal do Jesus Glicério.  
É... e tem bastante gente...  
Um, dois, três, cinco, seis, sete...  
(*Todos olham feio.*)

É... não dá pra contar, não...

CORONEL

Tem gente...

NEI REQUIÃO

Como confete...  
Tem mais que no seu comício?

CORONEL

É por aí... é... empate...  
É... o déle está mais fraco...  
Mais que no seu?

NEI REQUIÃO

Taco a taco.

(*Furtado lê uma faíra.*)

FURTADO

Terra a quem trabalha nela.  
(*Requião lê outra.*)

NEI REQUIÃO

Terra a quem trabalha nela.

CORONEL

Pra quem trabalha na terra?

150

Esse sujeito é boboca.  
Quer dar terra pra minhoca?

(*Todos morrem de rir.*)

Ah, como eu fui engraçado!

(*Berra para a passeata.*)

Vão dar terra pra minhoca?

(*Todos morrem de rir.*)

NEI REQUIÃO

Não adianta, estão por baixo!

CORONEL

Meu Deus, meu Deus, que esculacho!

NEI REQUIÃO

E aquêle que vem ali?

CORONEL

Qual?

NEI REQUIÃO

Aquêle.

FURTADO

É o Roque!

CORONEL

Mas que está fazendo aí?  
Não, não é nada, êle está  
vindo pra cá, saíardana.  
Olha, êle está dando adeus.

(*Dão adeus.*)

151

NEI REQUIÃO

Não é adeus. É banana.

CORONEL

Não. É adeus.

NEI REQUIÃO

Tsu. Banana.

(*Coronel verifica. Se convence.*)

CORONEL

É banana, sim, maldito!  
Filho de Zé com cigana,  
de preá com Benedito!

NEI REQUIÃO

De burro com caninana,  
de gato com periquito!

CORONEL

É, a tua mãe quando te  
viu, disse: não acredito!

(*Fazem bananas de volta.*)

Tome, tome, tome, tome,  
na minha mão tu não come.

(*Coronel xinga Requião.*)

Seu irmão, não é? Você  
foi quem o tirou da prisão.

NEI REQUIÃO

Eu? Você é o papai.

152

E fez tamanho alarido  
que quase o governo cai!

CORONEL

Você acreditou nêle!

NEI REQUIÃO

Você acreditou nêle!

DUETO

(*Cantam.*)

Você. Você. Ó, você.

(*Brás das Flores entra correndo.*)

BRÁS DAS FLÔRES

Coronel, seu Quião, Roque  
se passou para o Glicério.

Eu disse: não faça isso,  
não seja tão deletério.

Ouviu Glicério falar

e logo se impressionou,

disse — “nunca vi homem

falar como esse falou,

Brás. É com esse que eu vou”.

É. Desistiu do dinheiro

que os senhores iam lhe dar

e não quer mais receber

a casa nem o furgão.

Eu falei — “Roque não seja

bôbo, vamos continuar

explorando o Requião”

mas êle nem respondeu.

Eu, no entanto aqui estou

com o senhor e o Senador

cu com o doutor Requião.

153



(Coronel quebra uma cadeira na cabeça de Brás das Flôres. Um tempo. Brás sai meio desenhado. Luz rápida reverte para a cadeia. Roque está preso outra vez. A carcereira entra com a sua marmitta. Cai nos braços de Roque.)

CARCEREIRA

Ah, você voltou, voltou!  
Prêso mais uma vez para novas investigações.  
Nosso Senhor me ajudou.  
Ouvii minhas orações.

(A Deus.)

Eu só lhe peço mais uma graça e depois fico quieta: prisão perpétua, prisão perpétua, prisão perpétua!

(Reverte a luz. Requião está sentado na casa do Coronel. Vê uma prévia eleitoral. Ao seu lado, o Desembargador cochila. Um tempo. Desembargador acorda.)

DESEMBARGADOR

Pensou que eu estava dormindo? Engano, estou refletindo.

(Volta a cochilar.)

NEI REQUIÃO

Pela prévia eleitoral já estou mesmo perdido. Senador, Jesus Glicério, pois é, entre os dois é que o páreo vai ser decidido.

(Desembargador acorda de novo.)

DESEMBARGADOR

Pensou que eu estava dormindo? Engano, estou refletindo...

NEI REQUIÃO

Vou mal, Desembargador...

A única solução é fazer o Senador deixar de ser candidato. É capaz dêle aceitar pois Glicério está agora ameaçando de fato. De minha parte, abro mão da minha candidatura e faz-se a coligação, que apresenta um candidato sim... de conciliação... Perco os anéis fica a mão... E, de novo, em vez de um homem, um imbecil governador.

DESEMBARGADOR

Pensou em alguém?

NEI REQUIÃO

No senhor.

(Desembargador ao público.)

DESEMBARGADOR

Vou lhe responder de modo delicado mas ativo. Sintético, coisa pouca.

(Olha Requião. Tempo.)

Estou aí nessa boca.

(Entram Senador, Coronel e Furtado. Graves. Esperam que Nei fale.)

## NEI REQUIÃO

Bem, senhores, quem me trouxe aqui foi a minha Pátria?

CORONEL

Como? Não foi o chofer?

*(Requião engole em seco e continua.)*

NEI REQUIÃO

A situação é ruim. Nem tudo é sopa no mel, pois com a nova prisão do tal do Roque Murgel subiu muito a cotação do ignóbil Jesus Glicério que defendeu o adultério e é contra a religião. Mas se Roque fica sóto vai pregar a subversão e ajuda inda mais o homem. É difícil, ninguém nega, a nossa situação.

Lembra no enrêdo e no nome a peça do *Opinião*

“Se correr, o bicho pega, se ficar o bicho come”.

Jesus não pode ganhar. É o principal. Isto pôsto afirmo que estou disposto a renunciar, abrir mão da minha candidatura vitoriosa desde agôsto mas desde que o Senador também abra mão da sua mesmo sendo a contragosto. Assim, mandamos Jesus para as profundas do Inferno

156

com um candidato que una Oposição e Governo.

Eu, para Governador, proponho um homem distinto, leal, dinâmico e lindo que é o Desembargador.

*(Desembargador, evidente, dorme.)*

CORONEL

Não, eu acho que...

*(A Requião.)*

Psiu...

Que é, não pode escutar...

Vai, vira a cara pra lá...

Não se faça de enxerido...

Vai, tem de tapar o ouvido.

*(Requião tapa os ouvidos.)*

SENADOR

Acho melhor aceitar.

Por enquanto a gente está por cima da carne seca.

Podemos contrapor

um candidato mais nosso

para ser Governador.

O meu filho, o meu avô

ou até mesmo o senhor.

Um bem mais do nosso lado

que faça muitos açudes

e aqueles nossos babados...

O Jesus está subindo,

nosso dinheiro sumindo...

CORONEL

Acórdio com êsse aí

e com você quase eleito?  
Eu vou arranjar dinheiro.  
Se lhe dou a nossa vez,  
está com o poder inteiro  
em pouco menos de um mês.  
Claro, depois da eleição,  
acaba a força do pobre,  
só manda quem tem o cobre.  
Vai falar com esse sacana  
e lhe dê uma banana.

(*Senador tira o lenço. Chora. Vai a Requião.*)

#### SENADOR

Reconheço o patriotismo  
que seu nobre peito encerra  
mas eu não posso aceitar.  
Sou candidato do povo,  
não o posso abandonar.

(*Saem. Nei fica só.*)

#### NEI REQUIÃO

O bom cabrito não berra.  
Só resta uma solução:  
vai sair mais caro, mas  
não tem outro jeito, não.  
O Senador só retira  
a sua candidatura  
quando sentir que o Jesus  
pode ganhar a eleição  
mesmo, batata, de fato.  
O único jeito então  
é botar o meu dinheiro  
na campanha do Jesus.  
E mandar soltar o Roque  
pra em seus comícios falar.  
Roque pode recusar.  
Já deve estar assustado

com o xadrez que tem levado.  
Pode até querer sumir.  
Mas tenho um jeito provado  
de fazê-lo refletir.  
Eu ajudando Jesus!  
Aonde pode a política  
um homem de bem levar.  
Eu ajudando Jesus...  
Até que vai ser bonita  
a jogada que vou dar.  
O próprio Amaral Peixoto  
de inveja vai espumar.

(*Reversão de luz. Roque, sôlto de nôvo, no hotel, fala no telefone.*)

#### ROQUE

Já estou sôlto de nôvo,  
Mocinha, minha querida.  
Mas êste mundo é maluco:  
entro e saio da cadeia  
que até pareço um cuco.  
Não güento mais, vou-me embora.  
Queria ajudar Jesus...  
E é bom ficar popular,  
conhecido onde aparece.  
O diabo é que a polícia  
também logo reconhece.  
(*Entram três sujeitos.*)

Por que não foge comigo?  
Hoje, não? Hoje é domingo?  
Um minutinho, querida,  
vou atender uns rapazes,  
volto a falar em seguida.

#### SUJEITO 1

Quem é Roque Penaforte?



ROQUE

Eu.

SUJEITO 1

Ah, que felicidade encontrá-lo assim de cara. Estamos mesmo com sorte. É que temos dois trabalhos num só dia, coisa rara. Vamos logo começar antes que o prazo se vença.

ROQUE

Que deseja?

SUJEITO 1

Com licença.

(*Começa a dar sôcos em Roque.*)

SUJEITO 2

Gosto de bater no estômago, faz um barulho bonito.

SUJEITO 1

Ah, eu prefiro no rim.

SUJEITO 2

Não, não. Ouça e se convença; não é mais bonito assim?

SUJEITO 3

Pra mim não faz diferença.

(*Roque cai.*)

160

SUJEITO 1

Seja bastante acessível na conversa que vai ter.

(*Entra Nei Requião.*)

Esboce um sorriso, vamos. Não fique assim impassível.

NEI REQUIÃO

Não pense em aproveitar a saída da prisão que arranjei pra você e fugir. Não fuja, não. Continue o seu serviço para o tal Jesus Glicério. Procure logo um comício e diga lá que o Nordeste é um grande cemitério. E se não me obedecer onde fôr, mando buscar não mais para lhe bater. Dou ordem para matar.

(*Sai. Os três falam juntos.*)

OS TRÊS SUJEITOS

Entendeu, seu tabaréu, seu filho de boi capado, seu neto de cascavel, seu filho disso e daquilo, baboso, guenzo e tarado!

SUJEITO 1

Com licença, passar bem, sinto ter incomodado.

(*Saem. Roque arrebitado. Toca o telefone. Roque atende.*)

161



## ROQUE

Sou eu, o Roque, Mocinha.  
Não posso fugir agora:  
surgiu um nóvo problema.  
Sei, desmarcou o cinema  
mas já não posso ir embora...

*(Os três sujeitos entram de nóvo, pela outra porta, pelo outro quarto.)*

SUJEITO 1

Quarto trezentos e três...  
É aqui. O Diabo entenda!  
Oh, gente, é êle outra vez...  
e é a mesma encomenda,  
também o mesmo freguês...  
Nunca me aconteceu isso...  
Vir repetir a lição.  
Sabe o que é? Compromisso  
com São Cosme e Damião  
levou todos os capangas  
da cidade à procissão.  
Êste ano, nós não fomos,  
alguém tem de dar plantão.  
Desculpe, meu bom amigo,  
vamos para outra sessão?

*(Batem de nóvo. Roque apanha, cai.)*

SUJEITO 1

Seja bastante acessível  
na conversa que vai ter.

*(Entra o Coronel.)*

Esboce um sorriso, vamos,  
não fique assim impassível.

## CORONEL

Está sóito, filho do povo!  
Mas não pense que de nóvo  
vai ajudar o Jesus.  
Suma e para nunca mais!  
Tem aqui sua passagem

*(Entrega uma passagem.)*

comece logo a viagem.  
Voltou, morreu, meu rapazi!

*(Sai.)*

OS TRÊS

Entendeu, seu tabaréu?  
Seu filho de boi capado,  
seu neto de cascavel,  
*etcetera, etcetera,*  
conforme já foi falado.

SUJEITO 1

Com licença, passar bem.  
Qualquer vingança,

SUJEITO 2

atentado,

SUJEITO 3

brincadeira de mau gôsto.

SUJEITO 1

Jôgo.

SUJEITO 2

Marido enganado.

## ROQUE

Eu.

### SUJEITO 1

Ah, que felicidade encontrá-lo assim de cara. Estamos mesmo com sorte. É que temos dois trabalhos num só dia, coisa rara. Vamos logo começar antes que o prazo se vença.

## ROQUE

Que deseja?

Com licença.

*(Começa a dar sócos em Roque.)*

### SUJEITO 2

Gosto de bater no estômago, faz um barulho bonito.

### SUJEITO 1

Ah, eu prefiro no rim.

### SUJEITO 2

Não, não. Ouça e se convença; não é mais bonito assim?

### SUJEITO 3

Pra mim não faz diferença.

*(Roque cai.)*

160

### SUJEITO 1

Seja bastante acessível na conversa que vai ter.

*(Entra Nei Requião.)*

Esboce um sorriso, vamos. Não fique assim impassível.

### NEI REQUIÃO

Não pense em aproveitar a saída da prisão que arranjei pra você e fugir. Não fuja, não. Continue o seu serviço para o tal Jesus Glicério. Procure logo um comício e diga lá que o Nordeste é um grande cemitério. E se não me obedecer onde fôr, mando buscar não mais para lhe bater. Dou ordem para matar.

*(Sai. Os três falam juntos.)*

### OS TRÊS SUJEITOS

Entendeu, seu tabaréu, seu filho de boi capado, seu neto de cascavel, seu filho disso e daquilo, baboso, guenzo e tarado!

### SUJEITO 1

Com licença, passar bem, sinto ter incomodado.

*(Saem. Roque arrebitado. Toca o telefone. Roque atende.)*

161

SUJEITO 3

Dor de corno.

SUJEITO 1

Divergências

em geral.

SUJEITO 2

Rixa política!

SUJEITO 1

Pode nos chamar, terá  
a nossa pronta assistência.

*(Dá um cartão.)*

Sete, zero, meia, um.  
Canguinha-Forrobodó.  
Bôca Insôssa e Paciência.

*(Cumprimenta e sai. Roque levanta. Pega uma mala e começa a arrumar. Brás das Flores entra também com uma mala.)*

BRÁS DAS FLÓRES

Bom-dia, vai bem, Roquinho?  
Saiu da prisão, que bom!  
Eu passei aqui pertinho,  
pensei: vou lá no hotel  
visitar meu amiguinho.  
Aproveito, levo a mala,  
me encosto lá num cantinho.  
Que é isso? Que é que há?

ROQUE

Eu apanhei uma surra  
para ir embora e apanhei

outra surra pra ficar.  
Uma para me esconder  
e outra pra me mostrar.  
Um diz que se me mandar  
pra muito longe daqui  
tenho chance de viver...  
Vou-me embora de uma vez  
pro Tirol ser tirolês.

BRÁS DAS FLÓRES

Por causa de uma surrinha?

ROQUE

Duas.

BRÁS DAS FLÓRES

Ora, fóssem seis!  
Vai deixar Jesus Glicério,  
bandeira do camponês?

ROQUE

Ah, você nem pensa nisso.  
Não quer que eu me vá embora  
porque aí saio da moda.  
Você perde a sua escora.  
Livros, livros à mão cheia  
se fico lá na cadeia.  
Se fico livre, você  
come e dorme à minha custa.  
Dos dois jeitos tem aveia.

BRÁS DAS FLÓRES

Quem é você que não sabe  
o que diz, meu Deus do céu,  
mas que palpita infeliz.  
Tiradentes se deixou  
matar pela liberdade.

Sócrates bebeu cicuta  
bem avançado em idade.  
Dom Pedro disse que fico  
pra não entornar o caldo.  
Joana D'Arc na fogueira  
morreu com a cruz. O Osvaldo  
Cruz soube enfrentar a peste  
e o grande César disse:  
*a alea jacta est.*

*(Roque sai. Brás atrás. Reversão de luz. Estão na rua.  
Ruído de rua, buzinas, etc.)*

Que vou escrever agora  
se meu herói, Penaforte,  
largou Jesus, foi-se embora?

ROQUE

Herói é quem não tem sorte  
para escapar. Mas tenho  
chance e aproveito a hora.

BRÁS DAS FLORES

Mas você tem de ficar.  
Me acostumei a viver  
assim de papo pro ar.

ROQUE

Qual é a estação mais perto?

BRÁS DAS FLORES

Você é meu personagem,  
só faz o que eu escrever.  
*(Roque anda pelo palco.)*

ROQUE

Não, eu não quero mais nada

com os Honorato e Requião.  
Chega de tentar viver.  
Se é preciso tanta força  
pra seguir o coração  
vou ficar morto e calado,  
é a melhor solução.

Não, eu não quero mais nada  
com os Honorato e Requião.

*(Anda sempre. Brás tira uma faixa de dentro da mala:  
ESTAMOS COM JESUS GLICÉRIO. Anda atrás de Roque  
durante essa fala. Um vozerio vai se formando.)*

Eles vivem a vida deles.  
Vivem a nossa também.  
Com tantas vidas assim  
podem pensar que são bons  
se a algumas vidas dão fim.  
Ah, Honorato, ah, Requião  
um dia isso tudo acaba  
porque o homem veio ao mundo  
foi pra ter satisfação.

*(Pára. Palmas, Gritos.)*

Brás das Flôres, que é isso?  
Mas que tanta gente é essa?

BRÁS DAS FLORES

Ora, Roque, é o seu comício.  
Comício pelo Jesus.

ROQUE

*(Vai para Brás. Arranca-lhe a faixa.)*

Larga essa faixa depressa.

*(Para longe. Como se falasse com a multidão.)*

Não tirem fotografia.



Vamos, desfaz essa marcha!  
Deus do céu! Ave Maria!

*(Roque foge. Reversão de luz. Furtado e Coronel e o Senador esperam. Coronel arrasado vê as prévias.)*

CORONEL

*(Como se lesse a prévias pela milésima vez.)*

Veja só, Jesus Glicério  
passou longe em nossa frente...  
Não entendo êsse mistério...

SENADOR

Ó, Coronel, Requião  
soltou dinheiro ao Glicério  
que atingiu o Oeste, o Sul,  
cavou nosso cemitério...  
Assim êle nos obriga  
a mudar de posição:  
tirar a candidatura  
ir pra conciliação.  
Deu um golpe de valer  
pra aceitarmos candidato  
o tal Desembargador...

FURTADO

Tirou Roque da cadeia.  
Veja só êste jornal...  
fêz comício contra nós,  
ou melhor, fêz carnaval.  
O senhor disse que Roque  
ia embora, coisa e tal...

CORONEL

Topar conciliação?  
Isso nunca. Ê um perigo.  
Só um louco faz acôrdo  
com seu pior inimigo.

168

SENADOR

O senhor tem mais dinheiro  
pra enfrentar o Jesus  
e o Requião traiçoeiro?

CORONEL

Não tenho mais um tostão...  
vendi até o galinheiro.

SENADOR

Eu lhe avisei, Coronel:  
faça o acôrdo. O senhor não  
quis. Agora o Requião  
impõe. Êle vai pagar  
a nova campanha tôda.  
Ê, Coronel, acontece  
que é preciso muita grana  
para se impingir ao povo  
o nome desconhecido  
de um candidato nôvo.  
Só Requião tem dinheiro  
pra essa parada enfrentar.  
Ê a vez dêle falar.  
Aceitar é o que nos resta.

*(Pausa longa.)*

CORONEL

O senhor que sempre chora  
por que não o faz agora?  
Será que estamos em festa?

SENADOR

Agora a dor é honesta...  
Talvez o Jesus Glicério  
seja melhor do que nós.  
Diz muita coisa que presta.

169

Mas eu não posso apoiá-lo...  
Coragem já não me resta.

*(Entram Nei e Desembargador. Todos sentam-se.)*

NEI REQUIÃO

Vim com o Desembargador,  
futuro governador.

DESEMBARGADOR

Bem, eu queria dizer...

NEI REQUIÃO

O senhor fala depois...

DESEMBARGADOR

Bem, eu queria dizer,  
sim, que falarei depois...

NEI REQUIÃO

Nas vagas para o Senado  
no pleito do ano que vem  
apresento vosso nome  
e o do meu concunhado.

SENADOR

Me desvanece a lembrança.

*(Chora.)*

Proponho o nome de meu  
filho para deputado.

BRÁS DAS FLÓRES

Será bem considerado.  
Atendendo à minoria,

minoría financeira  
a que o senhor representa,  
mantém-se na ordem do dia  
várias das suas promessas  
feitas durante a campanha.  
Primeiro: pequeno aumento  
para o funcionalismo.  
Um só, pois outro não ganha.  
Vejamos agora essa:  
para o Secretariado  
critério proporcional:  
com a minoria fica  
Saúde, Limpeza Urbana,  
Teatro Municipal.  
Nós ficaremos com o resto —  
Departamento da Sêca  
e a Polícia Estadual.  
Salários, nenhum acréscimo  
e a tempo indeterminado.  
É sabida a solução:  
desemprêgo controlado.  
E não se darão empréstimos  
de modo indiscriminado.

CORONEL

Nosso açude, Senador?  
Vai ser de nôvo adiado?

NEI REQUIÃO

Sim.

CORONEL

Mas doutor Requião...  
Nossas terras, Senador,  
sem açude...

FURIADO

A terra não  
é mais do pai, Coronel.

Já vendeu ao Requião  
que pagará a hipoteca.  
Foi no fim dessa semana...  
Em troca papai recebe  
um bom pedaço de gleba  
na zona rica de cana.

(*Silêncio.*)

#### NEI REQUIÃO

Alguna coisa pendente?  
Passe bem. *Arrivederci.*

(*Sai com o Desembargador. Senador olha o Coronel. Um tempo. Sai. Furtado se aproxima com a aliança de noivado.*)

#### FURTADO

Com licença, Coronel.  
Lhe informo neste momento  
que rompi com o casamento.  
Descobri que sua filha  
com outro homem dormiu.  
Vergonhoso, Coronel.  
E o senhor tudo encobriu.  
Prestou-se a êsse papel!  
(*Sai. Um tempo.*)

#### CORONEL

Eles adiam aflições...  
O que é que vão fazer  
nas próximas eleições?...  
E eu que mandei matar  
o Roque, inutilidade...  
Podia economizar...  
Mas esta hora os capangas  
não estão mais na cidade...

172

(*Reversão de luz. Roque, Brás e Mocinha entram correndo. Juntos, com medo. Longe se ouvem gritos que se aproximam "Roque. Roque Penaforte!"*)

#### BRÁS DAS FLORES

Estão chegando mais perto.

#### MOCINHA

Fugir com você foi êrro.  
Ficar inda era o mais certo.  
Fugi para ser feliz,  
dei com os costados no mato,  
onde vim pôr o nariz.

#### BRÁS DAS FLÓRES

Mas a culpa é tôda dêle.  
Fêz desandar nossa sorte,  
nos arrastou à penúria  
e agora nos leva à morte.  
(*As vozes se aproximam.*)

#### ROQUE

Vamos, vamos dar no pé.  
Há uma cidade aqui perto.  
Eles lá não vão saber  
nosso paradeiro certo.

#### BRÁS DAS FLORES

Pode ir se indo sozinho.  
Procuram só por você,  
por mim, não procuram, não.

#### MOCINHA

Eu também, não vou, viu, Roque?  
É teu o meu coração  
mas não pra morrer em vão.

173



*(Os dois fogem. Roque quer fugir. Atarantado. Vai fugir. Um tiro.)*

#### ROQUE

Ai, me pegou no peito,  
varou meu coração.  
Foi um tiro perfeito.

*(Outro tiro.)*

Este foi bem no rim  
mas só no rim direito.

*(Outro tiro.)*

Um tiro bem na boca.  
Vou ficar com a voz  
fanhosa e rouca.

*(Outro tiro.)*

Pra findar a festa  
êste pegou no pé —  
nunca mais dançarei  
o meu iê-iê-iê.

*(Cai. Silêncio. Brás e Mocinha entram. No fundo um cantor canta o tema Rolou tiro rolou tiro.)*

#### BRÁS DAS FLÓRES

Roque, meu querido Roque,  
mas o que te aconteceu?  
Foi morto à queima-roupa  
e ninguém te socorreu?  
Ah, mas por que não chamou  
êsse velho amigo seu?  
Perdão, meu querido amigo,  
morro sem estar contigo.  
Mas inda irei descrever  
essa morte ao desabrigo  
que acaba de te abater...

174

O livro vai vender muito...  
A desgraça faz vender...  
Sou capaz de ficar rico...  
Meu Deus do céu, se tiver  
sorte, mas claro que fico!  
Roque, estou feito na vida!  
Ah, Roque, meu bom irmão!  
Nem mesmo morto deixaste  
de ter grande coração!

*(Sai correndo.)*

Edito uma coleção!  
Fico rico e maganão!  
Edito uma coleção!

*(Mocinha fica. A luz apaga. Reversão. Coronel, na sua fazenda, está morrendo na sua cama. Bizuza está ao seu lado.)*

#### CORONEL

Estou morrendo, Bizuza.  
Vou morrer, minha mulher...  
Sabe? Morreu a novilha  
e a vaca Rosicler...  
Êsse Desembargador,  
o nôvo Governador,  
é pau-mandado do Nei...  
Abre a janela, Bizuza,  
quero escutar o rumor  
das coisas que acontecem...  
Mas onde que está Mocinha?  
Hein? E o Roque, meu amor?  
Eu quero lhe dar as terras,  
êle é môço e tem valor.  
É verdade que o mataram?

*(Entram Roque e Mocinha.)*

#### ROQUE

Estou aqui, Coronel.

175



Não, não me mataram, não.  
É certo, todos os tiros  
foram em lugar mortal.

(*Ao público.*)

Mas o mocinho morrer  
no fim pega muito mal.

CORONEL

Roque, eu estou morrendo,  
me dói muito o occipital.  
Vou deixar para você  
as terras e o alodoal.  
Mas com uma condição!  
não se case com Mocinha.  
Já que morro, vou dizer:  
não tenho certeza, não,  
mas é capaz de você  
ser meu filho, coisa e tal...  
Não pode casar com ela  
sabendo ser seu irmão.

(*Longo silêncio. Mocinha chora.*)

BIZUZA

Escuta aqui, Honorato,  
acho que por isso, não.  
Lembra quando você foi  
passar um mês no Fundão?  
Fiquei sózinha, sofreda,  
sofria de solidão.  
Você foi na primavera,  
comecinho do verão.  
Veio o Desembargador  
e nós jogamos gamão.  
Naquele tempo ele era  
juiz desta região.  
Uma noite ele chegou,

176

não sei, não jogamos, não...  
Conversa daqui, dali,  
tomamos um Parati,  
êle contou anedotas,  
— como contava anedotas! —  
e riu muito, eu também ri...  
Foi isso, meu Honorato...  
Mocinha não é tua filha.  
Ela é filha do Renato  
que foi Desembargador  
e hoje, Governador.

CORONEL

(*Estrebuchá.*)

Ah, traidora, ah, traidor!  
Você me diz isso agora!  
Ai, sinto muito calor...  
Não posso nem me vingar  
dêsse Desembargador.  
Você me paga, me paga...  
Mas do Desembargador?  
Então Mocinha é... é...  
filha do Governador?  
Estamos salvos, ei, salvos!  
filha do Governador?  
É filha do Melequinha.  
Vai construir nosso açude,  
o açude, filha minha.  
É filha do Melequinha!  
Pensei que era transtórno  
mas, não! Ah, bendito córno!  
Bendito córno! Bendito...

(*Morre. Silêncio. Mocinha chora. Bizuza, muito emocionada, ajoelha-se e canta.*)

BIZUZA

Êle foi o único homem

177

da minha vida. Encontrei-o  
no dia de São Benedito.

*(As duas choram. Roque, fala ao público.)*

#### ROQUE

Bem, meus senhores, nós vamos  
terminando por aqui  
que às nossas alegrias  
duramente conquistadas  
se juntam dores recentes,  
sem falar das que nos seguem  
desde épocas passadas...  
Para a peça ter um fim,  
vamos mostrar três finais.  
Escolha o que achar certo,  
o que lhe falar mais perto  
ou da alma ou do nariz.  
Mande às favas os demais.  
Primeiro: final feliz!

*(Roque pega um chapéu e um charuto. Mocinha entra  
com um carrinho de bebê. Uma criança no carrinho  
também com um imenso chapéu de Coronel.)*

*(Canta.)*

Querido, nasceu o nosso  
décimo terceiro filho,  
grande que parece um gato.  
que nome botamos nêle,  
o de Roque ou de Honorato?

*(Entra Brás das Flores.)*

#### BRÁS DAS FLORES

Patrão, tudo resolvido.  
Expulsei Zé Prêto e Mano

178

que eles venderam escondido  
parte da safra do ano.

#### ROQUE

Segundo: final jurídico.

*(Diz para Mocinha.)*

Querida, ouça: essas terras  
divido com os lavradores.  
Não quero ficar com a safra  
e a êles deixar as dores.

*(Entra Brás das Flores de Juiz.)*

#### BRÁS DAS FLORES

Quem é o Roque, o possessor?  
Não vai fazer o que pensa.  
Me acompanhe, por favor,  
reabrimos seu processo.

#### ROQUE

E, bem, por fim, o terceiro  
final. Final brasileiro.

#### MOCINHA

O, Roque, Jesus Glicério  
é o nôvo Governador!  
Na recontagem de votos  
foi-se o Desembargador.  
O rádio também informa  
que você será chamado  
para ajudar na Reforma  
Agrária, que vai dar terra  
a tudo que é lavrador.

*(Brás entra vestido de guerreiro medieval.)*

179

BRÁS DAS FLORES

Venho da parte de sua  
Majestade, Sua Alteza  
Dom Requião, o Gentil,  
dizer que foi restaurada  
a monarquia no Brasil.

FIM DA PEÇA  
18 de janeiro de 1966.

SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE <u>Contas</u>	VALOR
AQUIÇÃO S/ Cobras <u>Div. Brasileira</u>	R\$ 15,00
N.F. 2.203 FLC	
DATA: 19-01-98	TOMBO: 142198